



À bolina João Caupers

O Estado Velho

A medida que vamos envelhecendo, vamos perdendo a capacidade de nos surpreendermos. Já vimos tudo, pensamos.

Mas a verdade é que ainda há coisas que me surpreendem. Tanto que, por vezes, duvido se teriam mesmo acontecido ou se não terão antes tido origem num pesadelo.

Desta vez, alguém terá proferido em público, entre outras pérolas, as frases: “Tudo pela Nação, Nada contra a Nação” e “A Bem da Nação e Pátria Portuguesas”. Lido no DN de 20 de julho, merece credibilidade.

Só conhecia estas frases, típicas da correspondência administrativa dos tempos de Salazar, transcritas em livros de História. Acreditei que, na sua companhia, jaziam devidamente debaixo de terra há muitas décadas e que não mais as leria.

Erro meu. Foram mesmo exumadas! E, em vez de cremadas, foram transformadas numa espécie de *zombies* linguísticos. E não por algum daqueles burguesos deputados do Chega que, quando falam – aquela exígua minoria que fala –, multiplicam os erros gramaticais e as frases incompreensíveis, ocasionalmente temperadas com ordinarices, mas por um desconhecido conselheiro nacional do Partido Social Democrata (cujo nome omito porque não descortino qual quer razão para o tornar conhecido).

Sim, não é engano. Trata-se do partido fundado por Francisco Sá Carneiro, o mesmo partido que aprovou a Constituição, o partido de

onde é proveniente a larga maioria dos membros do atual Governo. O partido de pessoas que respeito e considero, de Pacheco Pereira a José Eduardo Martins, de Leonor Beleza a Augusto Santos Silva, de David Justino a Paulo Mota Pinto.

Acredito que estas pessoas se sintam incomodadas com a companhia do seu colega de partido, que parece saudosos dos tempos do “Estado Novo” e da sua semântica salazarenga e parafascista, diri-

“

Neonazis, neofascistas, neonacionalistas, neosalazaristas, todos, na falta de ideias minimamente originais, inteligentes e sensatas para o futuro, reciclam velhas receitas, vestindo-as com trajes de fantasia. Revêem-se em figuras há muito varridas para o caixote do lixo da História, como Hitler, Mussolini, Franco e Salazar.”

gindo-se aos “bons portugueses” – expressão que a criatura também recuperou no seu escrito – e que, naturalmente, são os que aderem à sua simpatia pelas múmias políticas e por ideias tão bizarras como a de colocar um “cordão sanitário” à volta de um membro do Governo.

A ascensão da extrema-direita na Europa vem acompanhada de uma reinvenção do passado, agora travestido de futuro, dourado pelo brilho de mil glórias. Alguém escreveu, referindo-se à Rússia, que nesta tudo é imprevisível, sobretudo o passado. Não creio que seja apenas na Rússia.

Neonazis, neofascistas, neonacionalistas, neosalazaristas, todos, na falta de ideias minimamente originais, inteligentes e sensatas para o futuro, reciclam velhas receitas, vestindo-as com trajes de fantasia. Revêem-se em figuras há muito varridas para o caixote do lixo da História, como Hitler, Mussolini, Franco e Salazar. Destilando um racismo desumano e insólito, numa época de miscigenação ilimitada, vomitam que a seleção nacional de França não tem franceses (brancos!).

Termino este texto citando uma frase da criatura: “Que Deus nos ajude!” Não obstante ser agnóstico, neste caso abro uma exceção e invoco a Sua ajuda para nos livrar deste e outros patetas que degradam o espaço público.

Antigo presidente do Tribunal Constitucional e subscritor do ‘Manifesto 50+50 Pela Reforma da Justiça’.

OLHAR

Paulo Portas tomou posse ontem, no Palácio da Ajuda, como comissário-geral da comissão para a celebração dos 900 anos da Fundação de Portugal. “Aceitei como serviço público e procurarei entregar com entusiasmo”, disse o antigo líder do CDS e ex-vice-primeiro-ministro do Governo liderado por Pedro Passos Coelho, numa cerimónia com a presença da ministra da Cultura, Margarida Balseiro Lopes. A decisão de criação desta comissão foi anunciada pelo primeiro-ministro em Guimarães, no início do mês, com o objetivo de criar um programa comemorativo que terá como referência fundacional a Batalha de São Mamede, que teve lugar em Guimarães, em 1128. O objetivo das comemorações, disse, é “aprofundar o conhecimento pela nossa raiz histórica, pela nossa identidade, pela nossa cultura”.

FOTO PAULO SPRANGER



Contraditório Luís Parreirão

Duas entrevistas

Li recentemente duas entrevistas que, pela sua acutilância e pela clareza das afirmações dos entrevistados, são um aguilhão para a nossa consciência e um desafio para a mudança.

Primeiro as afirmações de Carlos Tavares, antigo patrão da indústria automóvel. Retenha-se o seguinte: “Portugal é o país do não-rigor”; “em Portugal há falta de vontade de criação de riqueza”; “temos de saber onde é que Portugal quer estar em 2050”.

Numa abordagem de um cidadão da fronteira Leste da Europa comunitária, o polaco Rafal Brzoska, em entrevista recente, perguntado sobre o que é que fa-

zia da Polónia um país de empreendedores responde de forma lapidar: “Um imperativo de recuperar o tempo perdido; em segundo lugar o trabalho; em terceiro lugar a ambição e, em quarto, a Educação.”

E, sobre a Europa, a acutilância é, ainda, mais forte.

“A Europa atravessa uma crise de liderança. Não sei se queremos ser uma potência de Inteligência Artificial, uma potência energética, uma potência militar, ou se nos queremos distinguir pela qualidade de vida.”

E é assim que dois homens que, com toda a probabilidade, não se conhecerão, acabam a dizer-nos, no essencial, o mesmo.